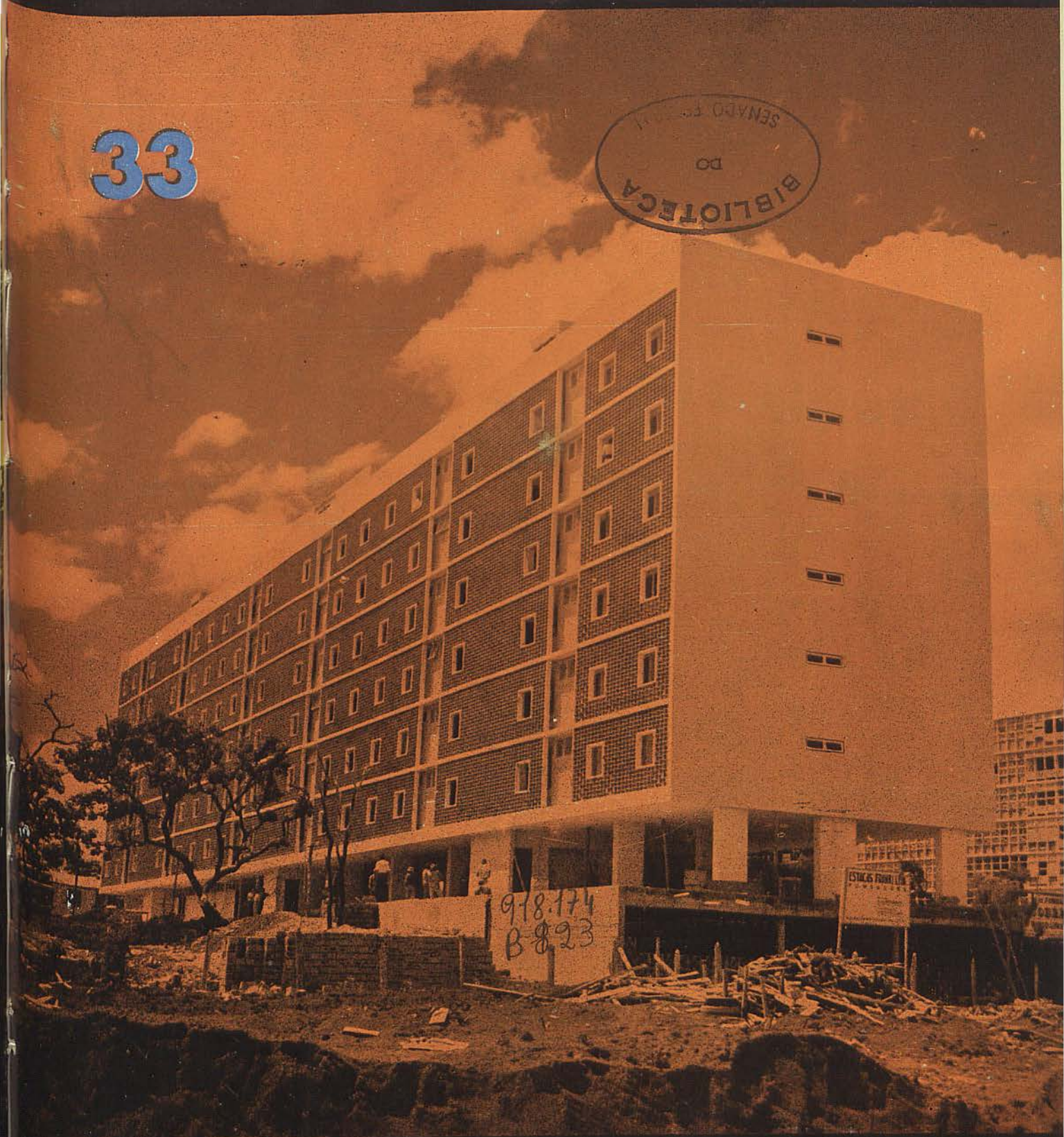


brasil

33





Direção: Nonato Silva.

Layout e capa: Armando Abreu.

Fotos: M. Fontenele (leica III F - film adox)
Publicação mensal da Divisão de Divulgação
da Novacap.

Redação: Av. Almirante Barroso, 54-18.º andar.
Fone: 22-2626, Rio de Janeiro — Brasil.

Número avulso: Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros)

Assinatura anual: Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros)

A direção não se responsabiliza por conceitos
emitidos em artigos assinados.

Nossa Capa: Um dos blocos de aparta-
mentos do Iapi.

b.

reflexões sôbre a mudança da capital

Prof. Moisés Gicovate

O problema da mudança da capital merece exame acurado, porquanto estamos assistindo à sua realização prática. Tratando-se de um país como o nosso, de grande espaço, em que a civilização se concentra em uma estreita faixa litorânea, em que os pontos do interior distam enormemente da capital, apresentando mesmo estratificações históricas, impõe-se imediatamente a idéia da capital localizada no centro ou muito próxima do centro de um grande círculo que seria traçado. Tal situação da capital, «órgão central da vida dos estados», é determinada por numerosos fatores, especialmente os econômicos. Trata-se de um imperativo que estava de longa data na nossa consciência. Foi debatido em tôdas as fases de nossa vida política.

A II Conferência das Classes Produtoras, reunidas em Araxá, de 24 a 31 de julho de 1949, examinando as conveniências da transferência da capital, concluiu que «essa transferência decorrem incontáveis vantagens, quer sob o ponto de vista de segurança, quer no aspecto econômico, no sentido de vitalizar tôda uma vasta região do país, orientando o nosso progresso e povoamento no rumo oeste». Em consonância com êsse ponto de vista, aprovou a seguinte recomendação: «que a Comissão Central encaminhe ao Congresso Nacional a moção das Classes Produtoras no sentido de que o magno problema da mudança da Capital Fe-

deral, cuja solução já se encontra em andamento, seja resolvido de acôrdo com as conclusões finais a que chegou a Comissão Especial de Estudos».

A nova capital recebeu o nome de Brasília. Não é nosso propósito discutir da oportunidade do momento para a transferência da capital. A nosso vêr, é mais do que oportuna, considerada a realidade brasileira e a nossa conjuntura econômica e mesmo política. Não entrevemos qualquer objetivo político. Trata-se de um empreendimento de grande envergadura, de alto valor patriótico, e que terá, incontestavelmente, conseqüências auspiciosas, desde que secundado por outras medidas, especialmente o desenvolvimento de nossa rede de comunicações. Da mudança da capital resultarão benefícios enormes para as vastas regiões do interior, sem qualquer prejuízo para as demais. A sua trasladação para um centro de equilíbrio geográfico permitirá um desenvolvimento pleno e harmônico de nosso país, sob todos os aspectos, em especial sob o aspecto econômico, do todo e de cada uma das partes do «continente» brasileiro. A sua importância é considerável porque levará aos pontos mais distantes de nosso país padrões técnicos de produção que permitirão o desenvolvimento econômico, conseqüentemente, o sócio-cultural, de novas e extensas áreas, ainda abandonadas.

congresso internacional de críticos de arte



Discurso presidencial.

Na foto o presidente Juscelino Kubitschek, o prof. Mário Barata, dr. Israel Pinheiro e arquiteto Oscar Niemeyer, na instalação do Congresso de Críticos de Arte.

Ao instalar-se em Brasília o Congresso Extraordinário de Críticos de Arte, o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira pronunciou o seguinte discurso:

«A cidade nova e a síntese ou a integração das artes, eis — senhores — o belo tema que vos congrega aqui, e que, melhor que em outro qualquer lugar, aqui encontra ambiência adequada ao seu debate.

Partindo de outra ordem de considerações; almejando, em sua luta contra o subdesenvolvimento, propiciar ao Brasil a base industrial, o crescimento harmônico, as vias de comunicação, o progresso técnico, tudo, enfim, que permitisse criar e acumular riqueza e viesse assegurar autonomia econômica — o meu governo observou que a transferência da Capital se engastava, como chave de abóboda, no plano geral que se traçara, e que esta corajosa iniciativa tinha de ser tomada, não só para cumprir um compromisso com o povo brasileiro, mas, principalmente, por ser uma imposição da economia, um imperativo da sobrevivência nacional.

Era preciso um gesto ousado, uma opção heróica. Este gesto se verificou. Esta opção se exerceu. Por isso, vós,

que vindes ao Brasil para transcendentes debates no campo estético e científico, podeis encontrar-nos neste planalto, a mil quilômetros do mar, em local onde, há pouco mais de dois anos, tudo era silêncio, distância e infinita soledade.

Vejo, em nosso encontro, um símbolo. Nêle reluz uma significação extraordinária. Sugere, ou antes, afirma, e veementemente, que o futuro tecnológico, econômico e social deste País não mais se construirá à revelia do coração e da inteligência como tantas vezes ocorreu no passado, e ainda sucede no presente, mas erguer-se-á sob o signo da arte — signo sob que Brasília nasceu.

Houve quem discordasse de tudo quanto aqui vêdes; houve quem desaprovasse este pelear sem descanso, êsse afã, essa paixão, essa pertinácia, que do nada vão tirando uma cidade bela e racional como um teorema, leve e airoso como uma flor.

Se Brasília foi uma imprudência, viva a imprudência. Os que têm meditado, a fundo, sobre os destinos desta Nação, compreenderam Brasília e por ela se apaixonaram, cômicos de que, agora e não mais tarde, esta cidade tinha de ser erguida no Planalto,

Não foi por capricho ou fantasia que a Nação brasileira vinha clamando, em sucessivas gerações, pela transferência de sua Metrópole. Com a fina intuição das coletividades, a Nação pressentia que de Brasília viria o equilíbrio, a força distribuída, o desenvolvimento harmônico deste País, vasto como um continente. Era necessário que o seu comando se deslocasse para o centro, mormente nesta grande hora em que o Brasil é tomado em frenesi criador, como força irrefreável, em busca de uma vida melhor e mais alta. Se essa força não fôsse dominada e orientada, se essa imensa energia, que se liberta, não se submetesse à linha mais pura do interesse nacional, o País marcharia em desequilíbrio e em insegurança, crescendo de um lado só, como um gigante coxo, e aprofundando, ainda mais as diferenças que existem entre as suas regiões pobres e as suas regiões ricas. Há quatro séculos o brasileiro se adentra para este arremêso decisivo contra a vastidão inexplorada e solitária dos nossos sertões. Brasília não poderia ter nascido antes: as circunstâncias não o teriam permitido. Devia nascer precisamente agora, como nasceu, porque os recursos da técnica, os modernos inventos

hoje asseguram ao espírito pioneiro da nossa raça os instrumentos que antes lhe faltavam. Se não surgisse nesta hora, em que a Nação se vê psicologicamente preparada para o grande passo e encontra meios de realizá-lo; se continuasse a ser procrastinada, como um sonho utópico, a nossa geração teria sido, com justiça, acusada de inépcia e desídia; a nossa geração teria falhado e retardado, criminosamente, a marcha ascensional deste País.

Mas, aqui tendes Brasília, obra de juventude, obra de audácia, de uma Nação que se vê diante de um futuro esplendente e dispõe de energia bastante para antecipá-lo. Graças ao espírito inventivo de dois notáveis arquitetos brasileiros, dois corajosos inovadores, cujos nomes têm merecido a consideração dos meios cultos de todo o mundo, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, e também à colaboração devotada de jovens talentosos, que formam uma admirável equipe de urbanistas e arquitetos — nesta cidade, que a energia dos brasileiros faz surgir no coração do território pátrio, tudo é beleza, harmonia, equilíbrio, eficiência.

Foram precisos, séculos, de esforço contínuo e vigoroso, para criar uma civilização brasileira, e para que esta civilização tomasse posse de si mesma, tornando-se apta a dirigir o seu próprio processo de crescimento e de renovação. Brasília é fruto amadurecido deste longo esforço. Em cada pormenor do seu planejamento, seja na órbita política, seja na feição urbanística ou na forma arquitetônica, se imprimem, vivas, as características de singularidade que nosso povo alcançou, como civilização.

O Brasil pode mirar-se no espelho de cristal que a nova metrópole lhe estende: a singeleza da concepção e o seu caráter diferente, a um tempo rodoviário e urbano; a sua escala, digna deste País e da nossa ambição, e o modo como essa escala monumental se entrosa na escala humana das quadras residenciais, sem quebra da unidade do conjunto; a idéia, enfim, de localizar a sede dos três poderes fundamentais, não no centro do núcleo urbano, mas na sua extremidade, sobre o terraplano triangular, como palma de mão que se abraça além do braço estendido da esplanada, onde se alinham os ministérios. Assim sobrelevados, e tratados com dignidade e apuro arquitetônicos, em contrastes

com a agreste natureza circundante, êles se oferecem simbolicamente à Nação e parecem dizer ao povo: votai, que o poder é vosso!

E' palpável, está ao alcance de todos a dignidade da intenção que presidiu ao traçado desta cidade. Mas, discuti, discordai à vontade. Sois críticos, a insatisfação é vosso clima. De uma coisa estou certo, porém, e a vossa presença aqui é testemunha disto. Com Brasília se comprova o que vem ocorrendo em vários setores da nossa atividade: já não exportamos apenas café, açúcar, cacau; em nossa pauta não figuram somente produtos coloniais ou artigos de uma indústria que se expande: mostramo-nos capazes também de fornecer um pouco de alimento à cultura universal.

Espero que Brasília responda, por si mesma, a uma das indagações que constam do temário dos vossos debates, a saber, se tem a arte um papel na civilização que se abre. André Malraux, em palavras que ficarão gravadas na lembrança dos brasileiros, disse que, na verdade, se erige, aqui, a primeira capital da nova civilização; as grandes perspectivas da arquitetura moderna, que o nosso século não conhecia ainda, aparecem nesta cidade, a mais audaciosa concebida pelo Ocidente; nela, renasce, enfim, o lirismo arquitetural que floresceu no mundo heleno.

Brasília, civilização nova, é, pois, assistida pela arte, desde o berço, em pleno surgimento. Que mais significativa participação poderia a arte almejar no mundo que desponta?

Sede bemvidos ao Brasil, senhores. Vejo, aqui reunidos, em jovial camaradagem, alguns dos mais altos expoentes da crítica de arte e da arquitetura, em todo o mundo. O povo brasileiro orgulha-se de vos receber. Vossa visita se inscreverá como um dos acontecimentos mais importantes da vida cultural deste País, onde o vosso nome é, há muito, admirado e respeitado.

Espero que, de regresso a vossas Pátrias, possais levar do Brasil uma imagem bela, e talvez o pensamento de que este povo jovem, ao mesmo tempo que procura o bem-estar material, busca, no domínio do espírito, satisfazer àquelas outras exigências, tão imperiosas na alma do homem, quanto as que dizem respeito a sua subsistência e segurança».



Realizou-se em Brasília, a 18 do mês de setembro, o Congresso Extraordinário dos Críticos de Arte de todo o mundo. As mais altas expressões da crítica internacional de arte estiveram reunidos no Rio, em São Paulo e na futura capital do país, onde debateram, «in-loco», tôdas as grandes realizações do govêrno e de entidades particulares.

Os críticos recomendaram a construção imediata das embaixadas em Brasília, ao mesmo tempo em que sugeriram a forma pela qual a sede das legações estrangeiras deve ser edificada.

Damos, a seguir, as diversas opiniões dos Críticos de Arte, que participaram do Congresso, colhidas pela jornalista americana, crítico de arte do «New York Times»:

«Sou por Brasília, sem restrições». Charlotte Perriand — Arquiteta da França.

«Brasília, novamente visitada depois de um curto período de nove meses, é um milagre de progresso construtivo, um ponto culminante de maravilhosa iniciativa, tão raros num mundo de acasos desordenados. Ela se molda sob nossos olhos — e o mundo inteiro observa êsses modeladores». Richard Neutra — Arquitecto dos Estados Unidos.

«A construção de Brasília é um ato que afetará o resto do mundo; a arte de construir cidades não está perdida». Stamo Papadaki — Arquitecto dos Estados Unidos.

«Entusiasticamente por Brasília. Um viva para Niemeyer e Costa» Eero Saarinen — Arquitecto dos Estados Unidos.

«Brasília é de vulto, nível e ideal tais, que desbrava em nosso tempo de um modo que os antigos bandeirantes, infelizmente esqueceram. Tudo por ela». Douglas Haskell — Crítico de arte dos Estados Unidos.

«Brasília é o mais corajoso ato do planejamento de cidade a ser pôsto em execução, neste século.» Peter Bellew — Crítico de arte da Austrália.

«Essa apreciada, enorme e interessante cidade, é rica sob os aspectos nacional e internacional. Muito cedo para julgamento final, ela define e espalha o futuro de um povo maravilhoso e enérgico». John Entenza — Críticos de Arte dos Estados Unidos.

«Embora parecendo um projeto utópico, o que foi feito até agora mostra, não somente sua possibilidade, mas também sua praticabilidade. Sou muito otimista quanto ao sucesso da construção de Brasília. Devo acrescentar que temo que a pressa e a falta de contínua supervisão (principalmente do material de construção) possam prejudicar planos bem pensados. Contudo, estou certo de que Brasília constituirá um exemplo único para as futuras cidades no mundo». Horácio Sanchez Flores — Crítico de Arte do México.

«O que representa Brasília no ponto de vista político, econômico, social e artístico, convida os críticos de arte a terem consciência dos seus limites e das suas responsabilidades». Jean Leymarie — Crítico de Arte da França.

«Foi uma experiência maravilhosa e a prova mais concreta da possibilidade de poesia, surgindo da planificação e da construção urbanística. Foi também uma oportunidade excepcional para

refletir sobre todos os problemas que se tornaram aqui evidentes (se não resolvidos), que surgem no mundo atual, quando em todo lugar, e de maneira menos notável, e na sombra das cidades antigas, cidades novas estão sendo criadas. Assim, Brasília interessa a cada um de nós». Françoise Shoaf — Crítico de arte da França.

«O que mais me impressionou em Brasília é a maneira pela qual tanta gente — Costa, Niemeyer, os engenheiros e muitos outros — conseguem trabalhar num só espírito». Ranjit Fernando — Crítico de arte do Ceilão.

«A leveza (souplesse) da planificação urbanística de Lúcio Costa, torna possível — a meu ver — a aparência de uma verdadeira cidade do futuro». Gillo Dorfles — Crítico de arte da Itália.

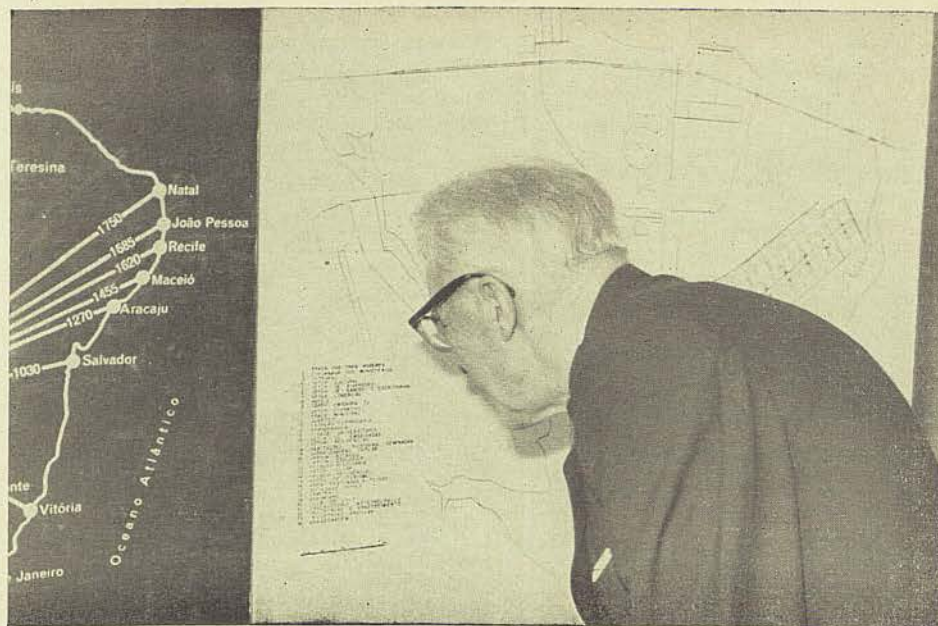
«A maior realização e a maior experiência feitas pelo homem para garantir ao cidadão uma vida melhor na cidade, tal realização concebida no pleno espírito do século vinte, merecendo a nossa inteira aprovação». Amâncio Williams — Arquitecto da Argentina.

«Quanto ao plano-pilôto de Brasília é êle aberto ou fechado? Ou terá êle as inconveniências de ambos os mundos? Não podemos pré-fabricar uma cidade e depois adaptar o povo a ella. O plano-pilôto deve orientar e liderar enquanto o centro «monumental» de Brasília sufoca a vitalidade da cidade. E' uma cidade de Kafka.

Quanto à arquitetura, é monumental em um sentido negativo, porquanto na sua maioria, foi concebida nos moldes da perspectiva da Renascença

Opiniões dos críticos de arte

- 1 — Críticos de arte, de todas as partes do mundo, desembarcam no aeroporto de Brasília.
- 2 — A Exposição ilustrativa dos projetos e obras da nova capital.



contrária a concepção de tempo e de espaço. Fachadas com estruturas que parecem formas livres e vice-versa». Bruno Zevi — Crítico de arte da Itália».

«Fiquei muito impressionado de ver a construção surgindo do meio de um deserto. Meu sentimento é um misto de grandiosa admiração e de temor». Alexis Celebonovic — Crítico de arte da Iugoslávia.

«Há, naturalmente, muitos problemas concernentes ao projeto de Brasília e à sua realização, problemas que são o principal assunto deste Congresso, mas não há problemas nem dificuldades que se equiparem à importância e à grandiosidade deste gigantesco projeto. A impressão da cidade de Brasília no seu atual estado é realmente extraordinária». Fritz Novotny — Crítico de arte da Áustria.

«Um julgamento sobre Brasília ainda não é possível. A nova Capital está em sua fase inicial; a da experiência. Neste sentido, a nova Capital é apenas uma realização a meio caminho, mas positiva, cheia de coragem, realmente à altura de uma grande e moderna Nação. Não é o julgamento do trabalho de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer que pode confirmar a grandeza do projeto, o qual interessa ao Brasil e ao seu desenvolvimento. As formas atuais podem ser um fato transitório; a realidade é Brasília, como uma unidade espiritual, física e humana. O futuro do Brasil é Brasília; uma realidade que mostra a grande força do povo do Brasil». Ricardo Avenirini — Crítico de arte da Itália.

«Brasília não é apenas o maior empreendimento levado a efeito em nos-

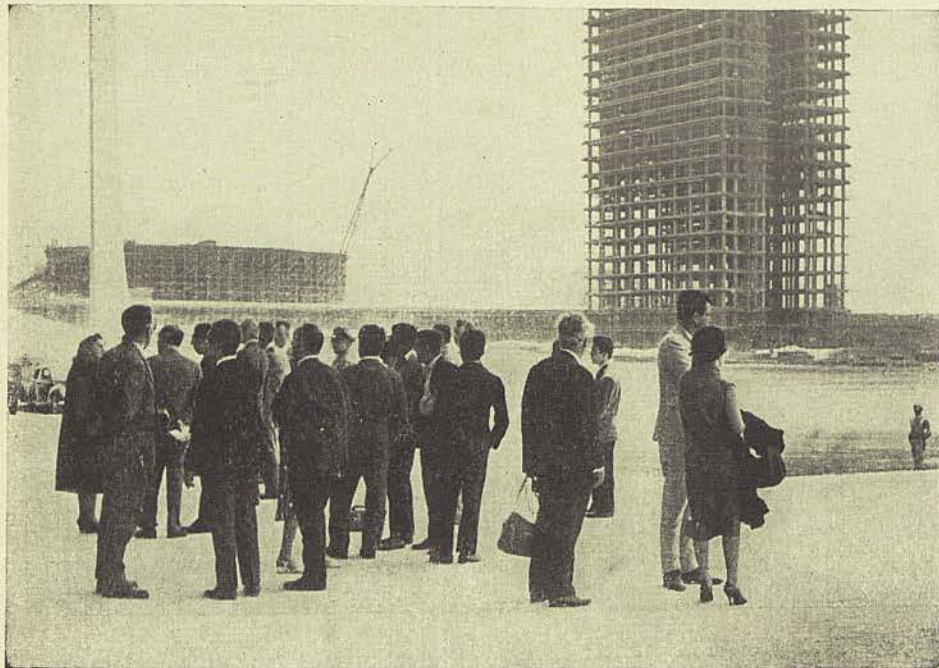
so mundo, mas uma louvável tentativa para encontrar o caminho da liberdade internacional da humanidade». José Gudiol — Crítico de arte da Espanha.

«Particularmente para nós, os latinos americanos, o empreendimento de Brasília significa o início de uma transformação real, não somente na maneira latino-americana de viver, mas também nos aspectos sociais de nosso futuro comum». — Enrique Bello — Crítico de arte do Chile.

«Como expressão da extraordinária vitalidade do Brasil. Brasília já é um completo e articulado sucesso. Algumas das construções individuais são de marcante beleza, mas como uma solução ao problema de criar uma nova cidade nos arredores — deixando de lado a amizade — parece demasiado cedo para julgar». Anthony Bower — Crítico de arte dos Estados Unidos.

«A criação de uma região metropolitana, tendo Brasília como sua cidade, é uma positiva afirmação de fé. De certo modo, ajudará a contrabalançar o aspecto destruidor e negativo inoculado em nós pela bomba H. O crescimento da população é a decadência da vida de cidade em toda parte. Pessoalmente subscrevo prazerosa e completamente este ato de fé. Mas o que é mais importante é que o sucesso ou o fracasso desta grande experiência é de enorme interesse para o resto do mundo. A função própria dita ainda não começou, mas o Brasil já armou a cena magnificamente». Sir William Holford — Urbanista da Inglaterra.

«Brasília é sem dúvida alguma admirável — pelo menos para alguns de



3 — Congressistas visitam as obras de Brasília.

4 — No aeroporto, o arquiteto Oscar Niemeyer conversa com Tomás Maldonado e Amâncio Williams.

nós — uma experiência talvez terrificante. Admirável por seu audacioso arranjo, por sua disposição geral, por praticamente tudo o que já se pode ver ou imaginar. Assustadora pela finalidade da necessária visão criada e do esforço de algum modo inumano ou desumano necessário para a sua realização. Mas, se a nova capital foi concebida por uns poucos homens, a totalidade do jovem e empreendedor povo do Brasil o tornará realidade não somente em seu próprio benefício, mas também como um tremendo exemplo para todos nós das possibilidades do homem». Ernest Goldschmidt — Crítico de Arte da Bélgica.

«Vejo em Brasília o ponto de encontro que convida para o mundo civilizado grandes regiões agora abandonadas. O coração de um país está agora pronto para palpitar. Esta nova e grande cidade é um símbolo de confiança, no qual todos nós precisamos acreditar». Michelângelo Muraro — Crítico de Arte da Itália.

«Brasília não é uma aventura; é a resposta a uma necessidade brasileira. A aventura é decidir fazê-la contra todas as dificuldades que uma Democracia tem para produzir uma realidade, uma idéia como esta. Nestes dois lados da questão estão os bons e os maus aspectos da realização». F. Garcia Steban — Crítico de Arte do Uruguai.

«Aí estão Chandigard e agora Brasília. Creio bem que isto é tudo o que

existe no mundo. Então, bravo para Brasília, para seu planejamento, por sua arquitetura — sem reservas». Jean Prouvé — Engenheiro da França.

«Brasília é, sem dúvida, algo como um sonho. E', porém, mais do que isso; porque em Brasília uma fabulosa realidade concretizou-se; a materialização de um sonho. Isto equivale a dizer que aquilo que era imaterial transformou-se em algo concreto.

Para dar peso e gravidade àquilo que fôra sonhado». Antônio Romera — Crítico de Arte do Chile.

«Tive uma profunda impressão em Brasília. E' necessário não somente o ideal e a sabedoria do povo, mas também muito dinheiro e muito trabalho para realizar uma tal cidade. Se os Estados Unidos da América experimentassem construir uma cidade assim, não seria tão difícil. Se a Rússia soviética realizasse um tal plano, poderia não ser tão difícil. O Brasil não tem tanto dinheiro quanto os Estados Unidos e não poderia dispor de tanta mão de obra. O Brasil não dispõe de suficientes elementos como estes, mas está tentando fazê-lo agora. Verdadeiramente respeito a luta pela construção de Brasília». A. Imaizumi — Crítico de Arte do Japão.

«Tivemos a grande oportunidade, não de criticar Brasília, mas de viver a experiência de Brasília. Não somente para ver novos planos e formas surgirem, mas sentir o espírito do povo que a construiu. Tornou-se um símbolo da

coragem e da criatividade do homem». Carola Gideon-Welker — Crítico de Arte da Suíça.

«Para ver esta cidade crescer com velocidade quase incrível, ver alguma coisa que nasceu de uma necessidade política, tornar-se uma obra de arte no mundo inteiro, ver que o esforço unificado de toda uma nação ampliando o seu símbolo, valeu bem a pena vir a Brasília. Uma vez terminada esta nova capital realizada, vivendo nela — dificilmente será possível continuar com qualquer espécie de pessimismo cultural ou humanístico.» Gert Schiff — Crítico de Arte da Alemanha.

«Penso que a principal significação de Brasília é a humana. Embora seu planejamento e sua arquitetura possam ser criticados e ela possa ter graves repercussões na economia do Brasil, Brasília é uma das maiores provas da vitalidade da raça humana, uma razão para fé e esperança.» Giulio Pizzetti — Crítico de Arte da Itália.

«Admiro grandemente a coragem daqueles que conceberam a idéia de Brasília. Espero, do fundo d'alma, que eles consigam superar suas grandes dificuldades. Não há dúvida de que, se eles continuarem com a mesma energia que mostram até agora, vencerão.» Roland Penrose — Crítico de Arte da Inglaterra.

«Um maravilhoso e interessante empreendimento, sob os pontos de vista social e político. A solução urba-



nística é excelente. A posição da «piazz» não pode ser melhor. A única crítica se basearia em questões formais e isto não é muito importante. Mais importante seria a crítica dos edifícios de apartamentos e a disposição dos próprios apartamentos. Impressionante e excelente o «módulo» de todo o terreno. Em resumo: uma das mais importantes experiências do moderno planejamento de cidades.» Werner Haftmann — Crítico de Arte da Alemanha.

«Impressão geral: emocionante; é de admirar a coragem dos líderes que a emprenderam. Faz-nos sentir uma grande confiança neste país. Bem planejada, espero que as proporções não tenham sido subestimadas. Parece-me que grandes espaços são mais apreciáveis nos setores residenciais do que nos administrativos da cidade. Espero que possam fazer crescer a vegetação. Também espero que as técnicas de construção possam ser melhoradas, mesmo que isso importe na redução do ritmo de construção da cidade.» Paul F. Damaz — Arquiteto dos Estados Unidos.

«A criação de Brasília, nova capital de um grande país, é exemplo único no mundo. Parece-me um gesto exemplar de parte do governo. Os planejadores da cidade e arquitetos que têm a responsabilidade da grande tarefa, são personalidades que provam sua capacidade. O comêço é en-

corajador. Espero, de todo o coração, que essa experiência seja um sucesso e um convite à criação de outras cidades modernas em muitos países.» André Bloc — Crítico de Arte da França.

«O Brasil atingiu um momento excepcional em sua arquitetura. O Estado decidiu tornar realidade a antiga lei de mudança da capital para o centro do país e escolheu seus melhores arquitetos para fazê-lo. Isto é um formidável acontecimento para o Brasil — e a história — a boa história — das relações entre o Estado e os artistas». José Pedro Argul — Crítico de Arte do Uruguai.

«Para fazer a arquitetura e planejamento de cidades, não é bastante fazer apenas algo de belo. E' também necessário agir sobre o homem, sobre a sociedade, sobre um país. O planejamento de cidades e a arquitetura são um conjunto de forças sociológicas e Brasília é o maior exemplo disto que eu conheço. Estou persuadido de que as repercussões serão profundas e alcançarão muito além das fronteiras do Brasil. Aprovo inteiramente Brasília. Ela é uma afirmação de vida.» André Wogenschy — Arquiteto da França.

«Não me impressiono com o que o futuro encerra — social e arquitetonicamente — para o povo brasileiro; isto cabe a êle. Mas sou pelo impulso vital em qualquer lugar, na montanha, no deserto — como expresso

em Brasília.» Frederick Kiesler — Arquiteto dos Estados Unidos.

«Receio que não seja inteiramente original quando confesso que fiquei absolutamente impressionado pela admirável grandiosidade do plano e de sua execução. Êle nos dá um notável exemplo da coragem e da fé da presente geração brasileira. Seja êle um estímulo para as instituições governamentais em outros países, para dar aos jovens arquitetos, com novas idéias, a oportunidade de mostrar o que podem criar.» Guy de Clercq — Crítico de Arte da Holanda.

«Dois tópicos: 1) «Merecendo sempre meu respeito», Conrad: The Shadow Line: 2) O empreendimento de Brasília deve ser compreendido entre a imagem do passado do Brasil e seu futuro. E' o fim da evolução do planejamento de cidades no Brasil e a conclusão de suas engenhosas, caóticas experiências. E' também a projeção no futuro de uma «utopia», social, monumental, etc. necessária à civilização brasileira.» André Chastel — Crítico de Arte da França.

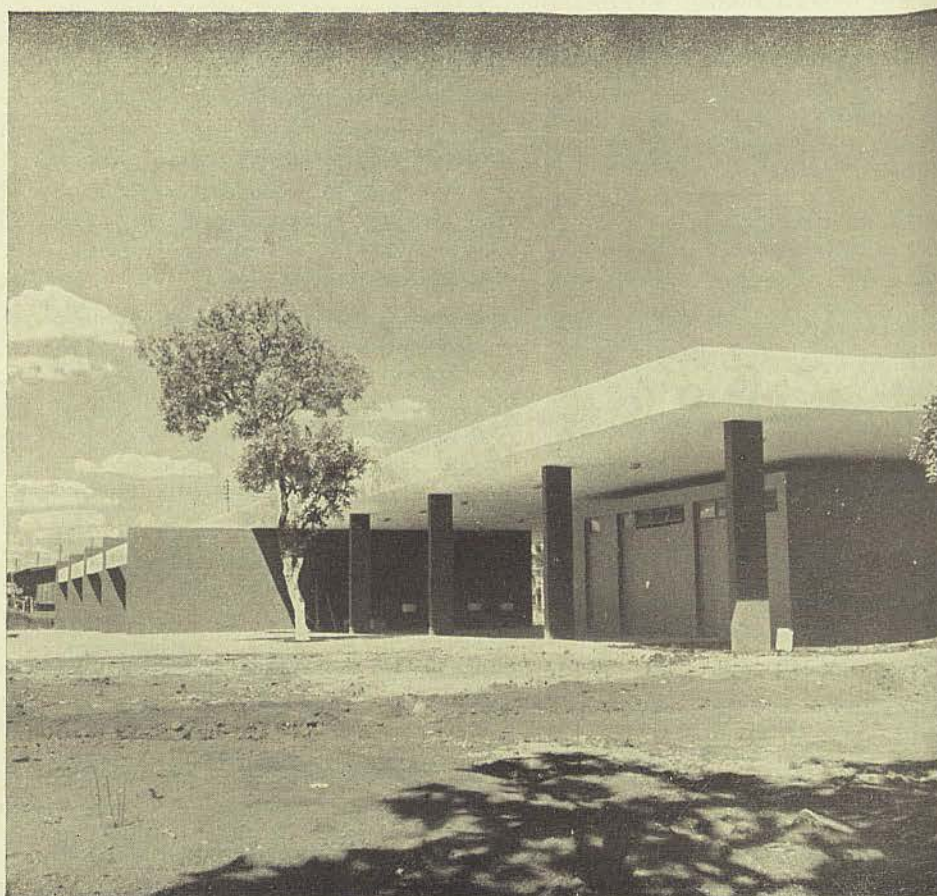
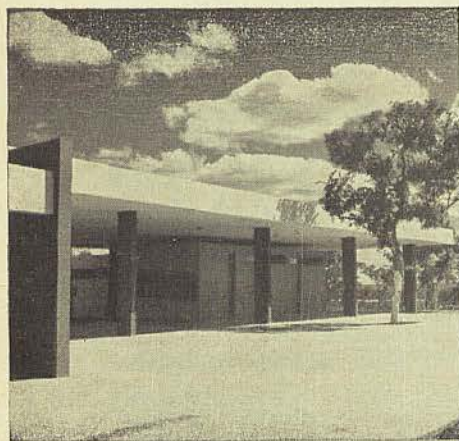
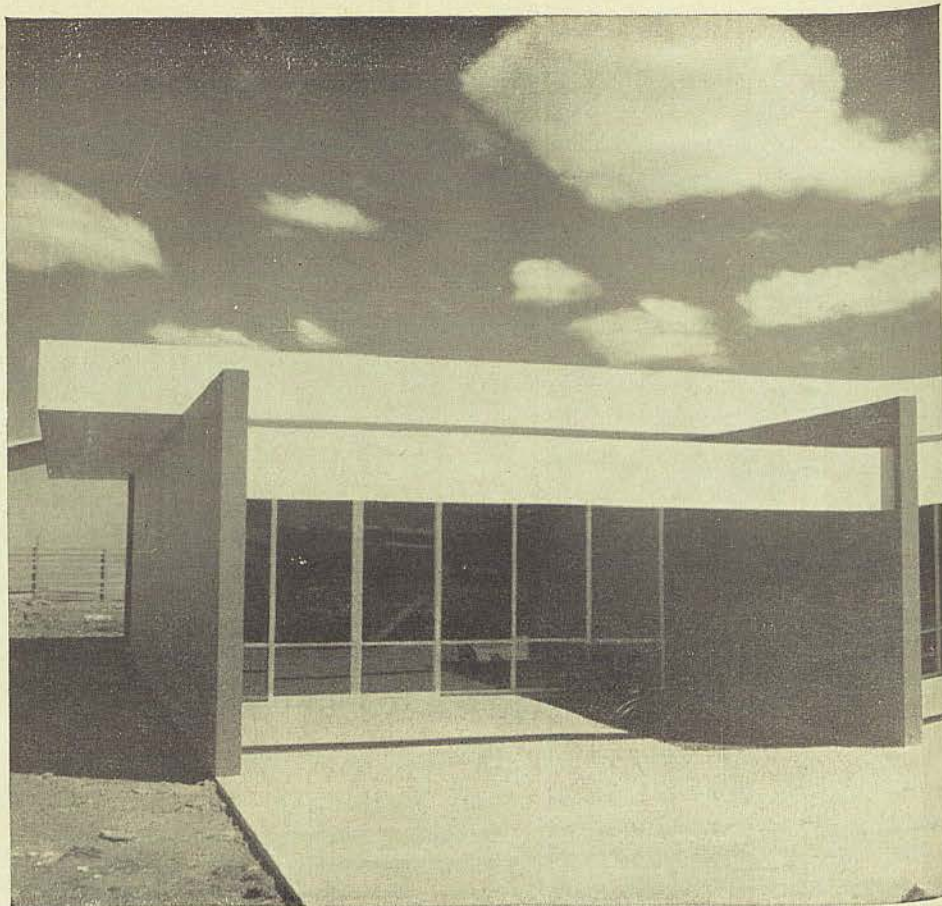
«Brasília é uma tremenda oportunidade para o moderno planejamento de cidades. E' uma grande possibilidade e ao mesmo tempo uma grande responsabilidade. O fracasso de Brasília seria um dos maiores «traumas» da cultura de nossos tempos. Devemos fazer tudo para evitar que venha a falhar.» Tomás Maldonado — Crítico de Arte da Alemanha.

«Uma das maiores impressões que jamais tive. Eu admiro a coragem do governo e dos arquitetos em planejarem com finalidades políticas e econômicas a nova capital num deserto. Costa e Niemeyer são conhecidos em todo o mundo. Aqui não é lugar para criticar em detalhes tudo o que êles fizeram. Mas é preciso ser dito que o plano geral é imposto pelos propósitos governamentais de expandir o país e com o fim de construir uma cidade do governo onde a arquitetura contraria o funcional puro. Niemeyer é mais romântico aqui do que nunca o foi. Os edifícios representativos são arte e arquitetura.» Will Grohmann — Crítico de Arte da Alemanha.

«Eu achei Brasília — na sua concepção, no seu plano urbanístico e na sua arquitetura — atraente e admirável.» Aline B. Saarinen — Crítico de Arte dos Estados Unidos.

escola em Brasília

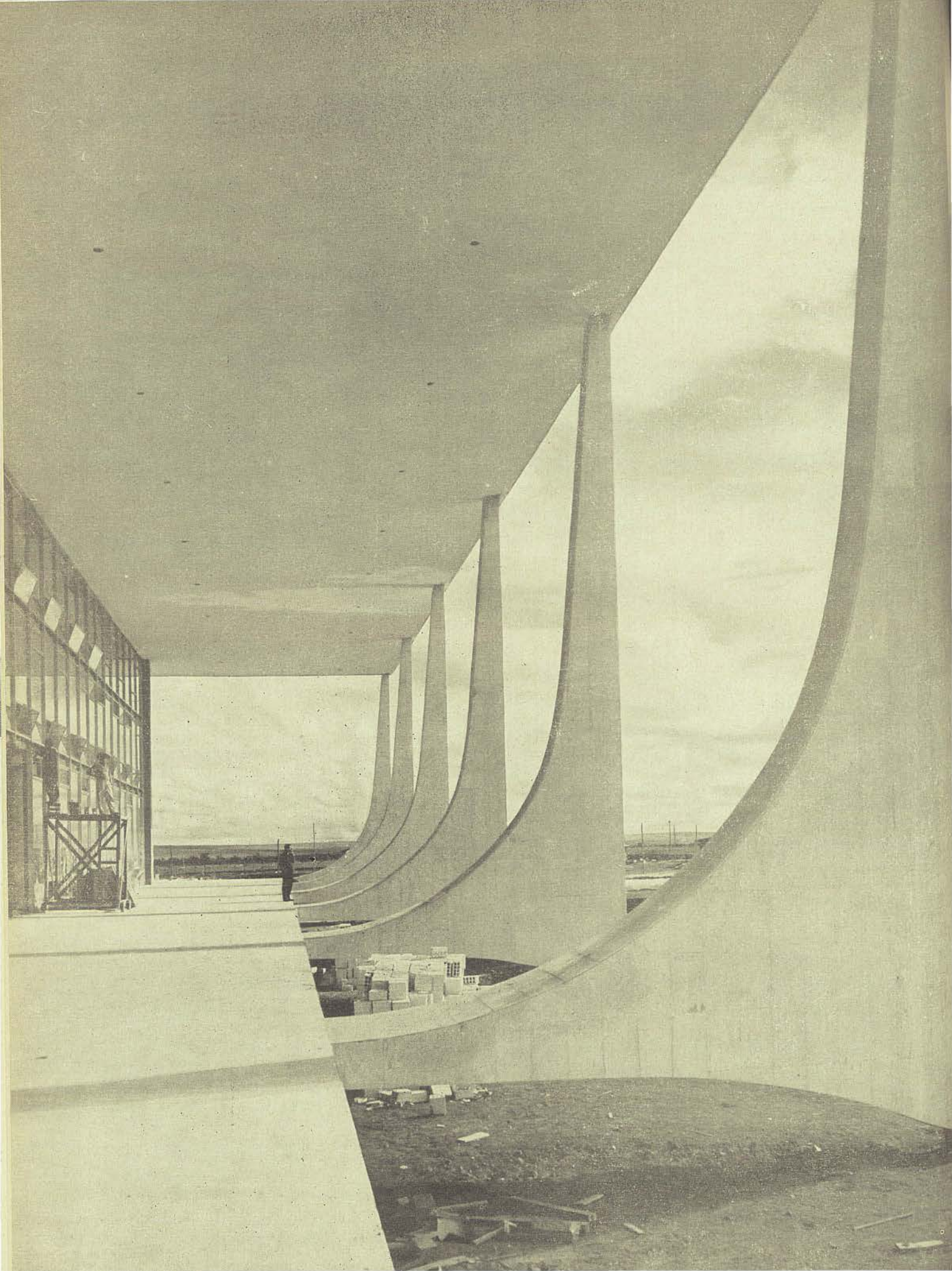
Três aspectos do jardim de infância em Brasília, projeto de Nauro Jorge Esteves. Localiza-se no setor de habitação individual geminado.

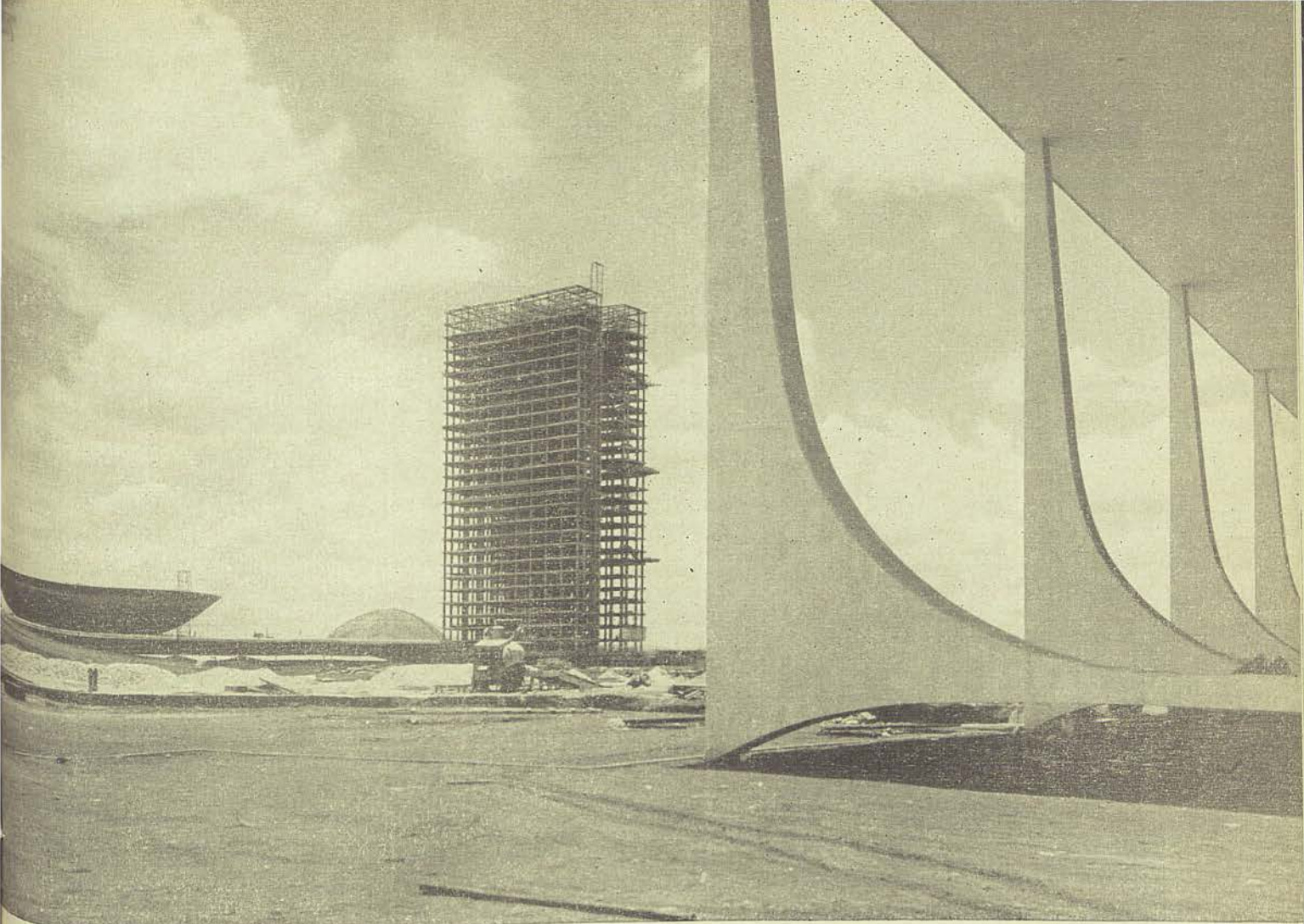




Fotos das super-quadras, vendo-se acima o conjunto do lapc e abaixo o conjunto do lapb, ambos concluídos.







6

7

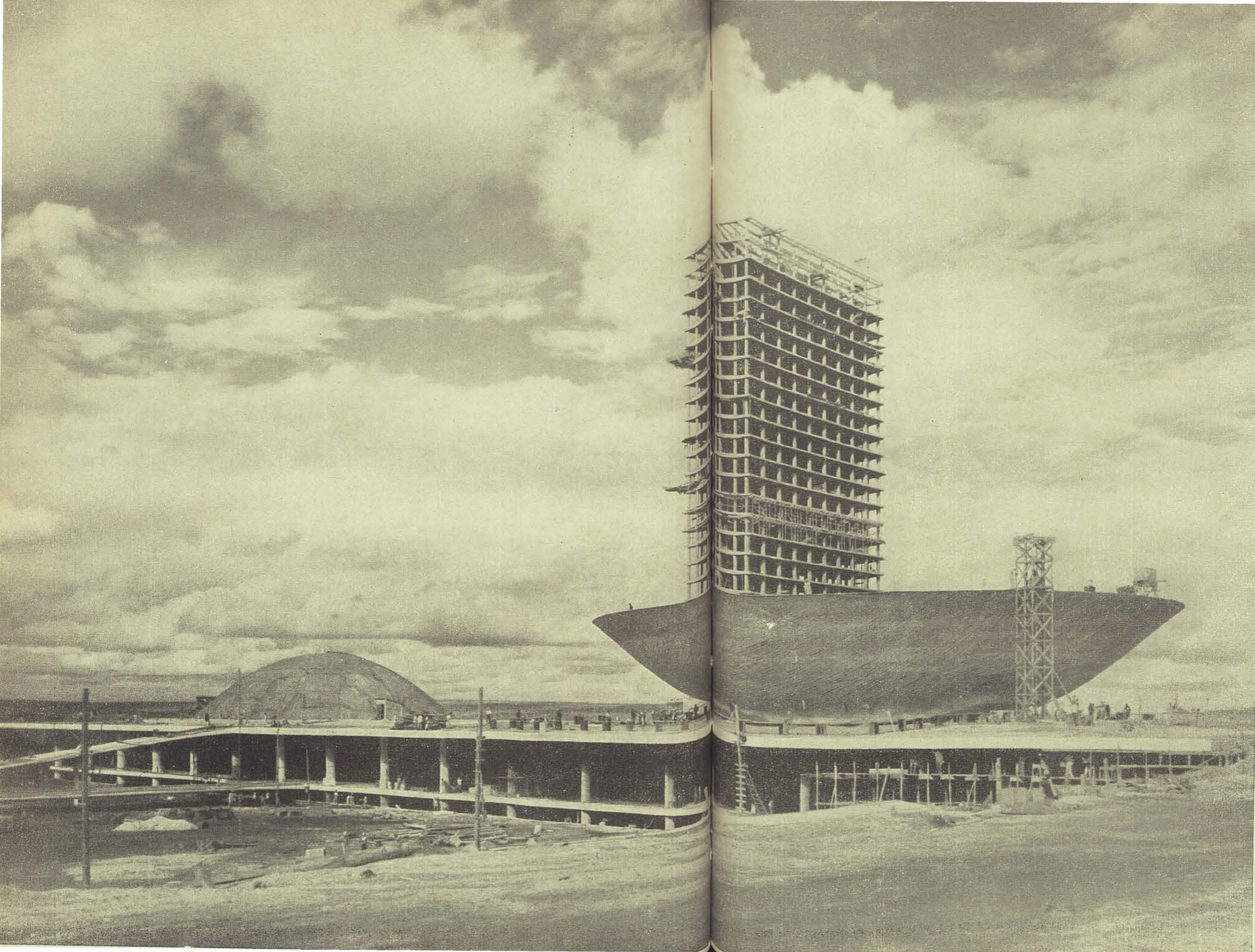
5
Congresso Nacional



5 — A colunata do Supremo Tribunal Federal.

6 — O Congresso Nacional vendo-se em primeiro plano as colunas do Palácio da Justiça.

7 — As esquadrias já colocadas na esplanada do Congresso Nacional.





8 — Setor comercial residencial vendendo-se as lojas localizadas entre as superquadras.

9 — Obra do cruzamento dos eixos Rodoviário e Monumental.





10

11



10 — Os ministérios, vendo-se ao fundo o Congresso Nacional.

11 — Lojas «duplex» já concluídas.

O programa de comemorações do dia 12 foi vasto, iniciando-se com um toque de alvorada, no Palácio da Alvorada, onde um grupo de 50 colegiais cantou, em cântico, o «Parabéns a você» ao Presidente da República. Ainda no Palácio da Alvorada realizou-se a solenidade de plantio de uma «sequóia gigante», oferecida pelo Governador do Estado da Califórnia ao Presidente da Nação Brasileira. O oferecimento foi feito por intermédio do Embaixador dos Estados Unidos, sr. John Moors Cabot, que ressaltou ser a sequóia, da variedade «Sierra Redwood», uma das árvores mais características da Califórnia e, daí, a razão do oferecimento. Salientou o sr. Moors Cabot que a sequóia costuma viver mil anos e, ao plantá-la nos jardins do Palácio da Alvorada, vaticinava que aquele símbolo da amizade entre os nossos países acompanhasse pelo menos duzentos presidentes brasileiros. O Presidente Kubitschek agradeceu a lembrança e formulou votos para que a amizade entre os povos brasileiro e americano se conservasse mais duradoura do que o milênio previsto como tempo de vida da árvore.

Em seguida, o Presidente, em companhia de sua comitiva, rumou para o Santuário de Nossa Senhora de Fátima dirigido pelos padres capuchinhos, onde sua Ex.^ª Revma. Dom Fernando Gomes dos Santos, Arcebispo de Goiânia, celebrou a missa gratulatória pelo aniversariante, pronunciando altíssima oração.

Depois da missa, houve, na Avenida Sw-3, um desfile de 2.000 garbosos colegiais dos grupos escolares da Novacap, do Colégio Dom Bosco, do Colégio Brasília e de contingentes militares, destacando-se o desfile de carros alegóricos, preparados pelo dr. Alfredo Ribeiro, Chefe da Divisão de Folclore e Certames da Novacap. O Presidente da República assistiu ao desfile de um palanque armado ao longo da avenida.

Entre as obras inauguradas, deve-se destacar o fechamento da barragem do Rio Paranoá, para a formação do lago que circundará Brasília e que é um dos belos efeitos plásticos do plano urbanístico da nova capital. Por outro lado, esta obra ganha outra importância, porquanto ao pé da barragem será instalada uma usina hidrelétrica, que fornecerá energia para a cidade.

Foi também entregue ao tráfego o trecho pavimentado de toda a extensão da Avenida das Nações, uma das principais artérias de Brasília e onde ficarão localizadas todas as embaixadas. O primeiro carro a passar pela pavimentação da Avenida das Nações foi o do Presidente da República.

Outra cerimônia que contou com enorme afluência de público foi o lançamento da pedra fundamental da Catedral de Brasília, em terreno doado pela Novacap, devendo o templo ser construído com recursos doados por particulares. A Catedral, «verdadeira jóia arquitetônica, concebida pelo gênio de Niemeyer», no dizer do Arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes dos Santos, que oficiou a cerimônia litúrgica, será erguida sob a invocação de Nossa Senhora da Aparecida, Padroeira do Brasil, como símbolo da unidade espiritual de nossa terra.

Ainda como parte do programa de comemorações do dia 12 de setembro, o Presidente da República inaugurou novos blocos de apartamentos, construídos pelo Iapb e Iapc; visitou as obras do Hospital Distrital de Brasília e inaugurou uma escola e um jardim de infância construídos pela Novacap.

As solenidades foram encerradas com uma concentração popular na Praça dos Três Poderes, defronte ao Palácio do Planalto, futura sede do Executivo Brasileiro. Nessa ocasião, discursaram o Presidente da Novacap, dr. Israel Pinheiro, e o Presidente Juscelino Kubitschek.

É o seguinte o discurso pronunciado pelo dr. Israel Pinheiro, presidente da Novacap:

Aqui estamos reunidos, senhor Presidente, todos os pioneiros de Brasília.

Os que trabalham na Novacap, nos Institutos de Previdência Social, na Fundação da Casa Popular, nas Caixas Econômicas. As empresas de construção civil e aqueles que, pela iniciativa particular, no Plano Piloto, no Núcleo Bandeirante ou nas glebas agrícolas, trouxeram o contingente do seu esforço para a construção da Nova Capital Brasileira.

Aqui estamos nesta praça que tão bem simboliza os altos poderes da República na sua harmonia democrática.

Para prestar a V. Exa., a nossa comemoração e entusiástica homenagem na data do seu aniversário natalício.

Em 30 de junho de 1958, por ocasião das primeiras inaugurações, quando, na Estrada de Anápolis, abríamos as portas de Brasília, dizíamos a V. Exa. que Brasília era uma revolução política, econômica e financeira; revolução social, revolução arquitetônica e urbanística.

Que um tal empreendimento revolucionário, não haveria de trancar-se nos empecilhos e nas morosidades da rotina.

Que uma tal obra revolucionária exigia a força de um impacto, instantaneidade de ação e soluções rápidas.

E que, por isto, a revolução de Brasília não fugiria a essas determinações de vitória.

Todas as energias deveriam ser mobilizadas em um só impulso criador para que a obra portentosa não se desgastasse nos atritos e na inércia da indiferença e do descrédito.

Aqui estamos hoje, senhor Presidente, quinze meses depois, para dizer a V. Exa. que a obediência sem pausas a essas diretrizes mestras, fundamentadas na cooperação e no entusiasmo geral, nos permite a satisfação e o orgulho de verificar que a grande obra está vitoriosa e entramos na fase final dos acabamentos.

A tarefa está sendo executada e o dever foi cumprido.

Poucos minutos são bastantes para fixar o vulto e mostrar o esforço dispendido na sua realização.

25 milhões e 344 mil metros cúbicos de terra removidos; pavimentada uma área correspondente a 337 quilômetros de estrada; 160 quilômetros de canalização de águas e esgotos; 31 quilômetros de rede subterrânea de telefones e eletricidade; 89 pontes, viadutos e passagens inferiores, correspondentes a 4.800 de ponte rodoviária; construídos 70 mil metros quadrados de acampamento e, já em fase de acabamento, 458 mil metros quadrados de edifícios.

Com 538 mil metros que estão sendo construídos pelos Institutos, Fundação da Casa Popular e Caixas Econômicas, teremos um total de 996 mil metros quadrados de área construída. Acrescentando-se ainda a barragem do Paranoá, com 50 mil metros cúbicos de terra e 500 mil metros cúbicos de rocha, a estação de tratamento de águas e esgotos já em andamento, as obras de assistência social, as granjas-modêlo, os loteamentos urbanos e rurais, os serviços de reflorestamento, arborização e ajardinamento.

O canteiro de obras de Brasília é a maior concentração de trabalho da América do Sul e uma das maiores do mundo.

Senhor Presidente:

Não há dúvida de que o governo de V. Exa. tem se afirmado por obras e metas de todos os pontos do território nacional.

Mas também não há dúvida de que Brasília concentra, na sua grandiosidade, a síntese de tôdas as realizações e o significado integral de todos os objetivos.

Porque Brasília é a garantia da continuidade de tôdas as outras obras do seu fecundo governo.

Esta cidade do Planalto Central, gloriosa aventura do governo de V. Exa., é hoje uma realidade que vive, palpita e floresce na genialidade do seu planejamento, na beleza do seu perfil arquitetônico, no sentido universal do seu futuro e na sua destinação espiritual.

Mas, para a materialização do sonho secular, para a execução da grande aventura, era necessária a presença atuante do homem que tivesse a coragem de arcar com a tremenda responsabilidade de não conseguir terminar a obra no prazo estreito que lhe foi concedido e de sacudir do marasmo,

com a explosão de Brasília, o inconformado de todos os tempos.

Era necessário o homem que incendiasse o «espírito de Brasília» em todos os que aqui trabalham, animando-os pela presença, orientando-os, vivendo as suas vicissitudes e as suas glórias simples, inculcando-lhes, pela segurança do comando, a fé e a confiança indispensáveis.

E assim conseguiu V. Exa. que os obreiros de Brasília se constituíssem em uma só família, em uma grande família, sôlidamente vinculada pela unidade do ideal e pela força gregária do sofrimento.

Nada mais natural que a nossa numerosa família brasiliense escolhesse a data do aniversário natalício do seu Chefe, para vir abraçá-lo com esta incontida e carinhosa manifestação de afeto, oferecendo-lhe o presente trabalhado durante dois anos e meio pelas suas próprias mãos.

Senhor Presidente:

A realização desta obra fundamental é devida à bravura de V. Exa.. Porque, se os desígnios da Divina Providência cometem aos grandes as grandes tarefas e aos fortes as grandes lutas, só concede aos bravos a vitória.

Em 2 de outubro de 1956, ao pisar pela primeira vez as terras de Brasília, disse V. Exa.:

«Dêste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sôbre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino.»

Transformou-se a solidão e, desta tribuna, V. Exa. e os seus sucessores, pelos séculos afora, falarão ao povo brasileiro, para transmitir as «altas decisões nacionais».

Mas, ficará para sempre gravada na memória das gerações futuras, a primeira fala na data de hoje, nesta singela festa dos pioneiros de Brasília, que voltarão no dia 21 de abril de 1960, confiados na proteção de Deus que nunca faltou a Brasília, para desta tribuna, que olha a amplidão iluminada onde marcaram encontro as forças originais da mais genuína brasilidade, ouvir V. Exa. anunciar ao Brasil e ao Mundo que a Nova Capital Brasileira foi instalada.

Senhor Presidente,

Deus lhe acrescente e à sua família paz e felicidade, para o bem do Brasil.

O mundo aplaude Brasília

É o seguinte, na íntegra, o discurso pronunciado pelo Presidente da República:

«Israel Pinheiro acaba de evocar uma data que ficará para sempre gravada nas páginas da história desta cidade. No dia 2 de outubro de 1956, no campo de pouso provisório, aqui, desceram vários homens para conhecer e verificar pela primeira vez a grandiosidade e as dimensões da tarefa a que se iam lançar. O Brasil, há séculos, aspirava pela conquista do seu território. Quando os primeiros paulistas subiram a Serra do Mar, instalaram-se no planalto de Piratininga e, dali, nos séculos XVII e XVIII, irradiaram pelo Brasil a força de cultura das bandeiras, afastando a linha do Tratado de Tordesilhas, recuando as fronteiras convencionais do Brasil e conquistando para a nossa terra imensas áreas, que ficariam por séculos desertas e abandonadas. Marcavam eles, com o seu imenso trabalho de bandeirantes, a força, o entusiasmo e a inspiração vitoriosa do povo brasileiro. Os bandeirantes não de ficar gravados na história secular do Brasil. Não tiveram eles, entretanto, a grande missão, o trabalho imenso que foi confiado à geração atual. Se os bandeirantes alargaram as nossas fronteiras, não povoaram o país. Muito ao contrário, carregando e transportando para o litoral os habitantes primitivos e selvagens das florestas desconhecidas, eles despovoaram o Bra-

sil. Agora coube às gerações do século XX esta tarefa, que é de povoar o Brasil. O sonho é velho, a sua realização aparecia aos olhos do Brasil como uma utopia, um ideal sem possibilidades de realização. Ao assumir o Governo da República, guardando no ouvido o éco e o rumor de uma campanha que marcava, pela primeira vez nos anais da história brasileira, um sentido profundamente democrático, o candidato palmilhara o Brasil de um extremo a outro, conhecera-lhe todos os problemas, vivera na carne as vicissitudes mais agudas do seu desenvolvimento e pudera nas conversas que mantivera nas praças públicas, de centenas e centenas de cidades brasileiras, sentir que uma hora nova devia soar para esta nação, uma hora da renovação, na qual os homens se empenhassem, não em tarefas medíocres e pequenas, mas em tarefas grandiosas, de dimensões imensas.

Ao assumir o Governo da República, ainda absorvido pelos inúmeros problemas de uma Nação saída de uma campanha política que assumira clima verdadeiramente revolucionário, preparava eu para o Congresso a mensagem em que solicitava permissão para construir a nova Capital do Brasil. Aos meus ouvidos chegaram o rumor de tôdas as descrenças, as palavras de todos os negativismos considerando aquela mensagem apenas um ato demagógico de um Governo que queria transferir para outro Poder a responsabilidade de um compromisso que assumira na praça pública de inúmeras cidades do Brasil. Concedida, entretanto, a autorização



Esplanada dos ministérios.

pelo Congresso Brasileiro, no mesmo dia em que eu sancionava a lei que permitia a organização da Novacap, também nomeava o grande comandante para os trabalhos que iríamos realizar, o deputado Israel Pinheiro. Esse ato foi firmado no dia 19 de setembro de 1956. A 2 de outubro, dias depois, aqui chegava eu, acompanhado pelo dr. Israel Pinheiro e por uma ilustre comitiva de homens públicos do Brasil e, daquele cruzeiro, no alto do eixo monumental que começa na Praça dos Três Poderes, descrevemos o panorama imenso deste planalto central, deserto, abandonado, sem estradas, sem rodovias, sem um único sinal de vida. Era o marco inicial do Gênesis que íamos tentar nestas solidões ainda desconhecidas do Brasil. Não nos intimidamos. Nenhum medo tolheu o nosso passo, e sabíamos bem que a iniciativa ia ser envolvida, primeiro, pelos negativistas, que não crêem nos destinos do Brasil e, segundo, pelos interesses contrariados, que não queriam admitir a transferência da Capital, em prejuízo de inúmeras e profundas conveniências particulares e de grupos.

Esta luta, nós a travamos com obstinação. Lembra-se os pioneiros que aqui estão, necessitava-se de vinte, trinta e, às vezes, cinquenta dias, para aguardar um caminhão trazendo os primeiros materiais para a cidade. Um reduzido grupo de pioneiros lançou-se à construção da pequena casa que ficou conhecida como o «Catetinho» e, na qual, nos primeiros dias de novembro de 1956, o Presidente da República despachava o seu primeiro expediente nas alturas deste planalto. Em seguida, as iniciativas se foram multiplicando e, aos poucos, iam brotando deste solo, de uma côr arroxeada tão bela, as construções que começaram a encher de espanto grande parte do Brasil. A obra, porém, era maior do que se queria imaginar. E não foi apenas a nossa Nação que tomou conhecimento da iniciativa. A humanidade inteira sentiu que alguma coisa nova se operava no Brasil. Procurávamos vencer a etapa inicial do nosso combate ao subdesenvolvimento, para nos impormos ao mundo como uma Nação que sabe o que quer e que fará o que deseja. Desprezando as palavras dos negativistas, as expressões dos descrentes, toda esta girândola impermeável dos que não acreditam no Brasil, nós subimos ao planalto e aqui estamos

instalando todos estes monumentos, que amanhã falarão da audácia e da energia do povo brasileiro.

Ainda há poucos dias, neste mesmo local, recebemos um homem que representa um dos cumes da inteligência humana, o ministro da Cultura da França, escritor Malraux. Entre as palavras que êle pronunciou, algumas hão de ficar gravadas em Brasília pela verdade que encerram e pela justiça dos conceitos emitidos. Disse êle: «Se voltar à humanidade a paixão pela inscrição nos monumentos, gravar-se-á nos que aqui se vão erguer as palavras, Audácia, Energia e Confiança. Essa — dizia êle — não é a vossa divisa oficial, mas será certamente a que a posteridade vos dará». Vozes como essa se elevam hoje de todos os quadrantes do mundo. Brasília passou a representar, não apenas a construção de uma cidade, mas um movimento que simboliza a marcha de um povo para a conquista de seus destinos. Galgamos o planalto como, no século XVI, os paulistas galgaram o planalto de Piratininga. Os bandeirantes dali partiram como daqui partirão os pioneiros para ocupar esta imensa área, de mais de seis milhões de quilômetros quadrados, dois têços, portanto, da superfície brasileira, até hoje deserta, sem oferecer nenhum recurso. Êste é o fato inicial. E' a trincheira que deslocamos do Rio de Janeiro, do litoral para êste mesmo planalto de onde desferiremos os ataques para integrar e conquistar a imensidade do nosso território.

Chegamos hoje, às vésperas da inauguração da nova Capital, com a consciência tranqüila de que estamos cumprindo um dever. Nunca pensamos nas críticas que procuraram nos atirar. As críticas, pelo contrário, eu as recebo como o testemunho mais eloqüente de que êste Governo realmente está fazendo alguma coisa pelo Brasil. Não há um brasileiro que acuse o Presidente da República de inércia, de preguiça, de falta de atividade. Pelo contrário, a acusação é a de que estamos fazendo demais, exigindo sacrifício em excesso do povo brasileiro. Mas temos a consciência de que nenhuma nação poderá romper as barreiras do subdesenvolvimento, sem olhar, corajosamente, para os horizontes do futuro e enfrentar as dificuldades e sacrifícios, para deixar a seus filhos e futuras gerações uma Nação mais poderosa e uma vida mais tranqüila e confortável. Êsse é o de-

ver dos brasileiros e nós o estamos cumprindo.

Aqui estou hoje, numa festa familiar. Vim procurar Brasília, com minha família, para comemorar uma data que nada tem de aspecto cívico, sendo, apenas, uma festa íntima. Mas quis passá-la neste planalto, junto dos que lutam dia e noite para ajudar o Brasil nesta arrancada gloriosa para o seu grande destino.

Aqui estamos, povo de Brasília, lutando ombro a ombro, neste empreendimento. E não quero, nesta oportunidade, destacar nenhum dos grupos que aqui estão trabalhando tão ativamente para o êxito final, mas uma referência se impõe, pela justiça que ela encerra. Não poderia, numa festa de Brasília, silenciar o esforço admirável do comandante em chefe desta batalha, que é o engenheiro Israel Pinheiro. Êle tem sido infatigável, êle pôs sua vida a serviço desta causa. Êle é bem a expressão e o símbolo de todo o esforço destes silenciosos e anônimos trabalhadores que aqui, dia e noite, estão erguendo o futuro monumento da Pátria brasileira.

Quero, ao encerrar estas ligeiras palavras de agradecimento e de saudação aos pioneiros de Brasília, lembrar uma frase que data do século XVI. Retornando das fronteiras do Peru, disseram os bandeirantes aos seus concidadãos: «Estamos voltando das fronteiras do Peru e isto não é uma fábula. Fomos a pé e estamos de volta». O mesmo poderemos nós dizer, pioneiros de Brasília. Não estamos criando uma fábula. Brasília é uma realidade. Ela se está erguendo, seus lindos edifícios se avultam nos horizontes deste planalto, a arte de Niemeyer e Lúcio Costa aqui traçou um admirável monumento de beleza. Tudo isto somado, todo êste esforço aqui realizado vai amanhã desabrochar na prosperidade de uma Nação nova, que não pode mais se contentar com uma posição secundária nos quadros universais. Se outras nações — e temos no continente exemplos formidáveis, como os Estados Unidos — conseguiram, há mais de um século, superar tôdas as suas dificuldades, para se transformarem em países poderosos, também nós, brasileiros, temos capacidade, energia, audácia e inspiração para construir uma pátria nova, para fazer do Brasil o sonho das gerações passadas e o presente para as gerações vindouras, uma Nação forte e poderosa.»

noticiário

Maravilha do mundo

O cineasta norte-americano Frank Capra, que visitou Brasília recentemente, escreveu uma carta ao Presidente Juscelino Kubitschek, agradecendo-lhe a hospitalidade e a visita que lhe proporcionou a Brasília, «uma das modernas maravilhas do mundo». Disse textualmente Frank Capra: «Numa época em que o mundo receia a sua destruição, o senhor está construindo e edificando, para o futuro, em tão emocionante escala que isso deve constituir, um tônico restaurador para um mundo deprimido».

Belém-Brasília

A Rodovia «Bernardo Sayão» já possui perfeitamente trafegáveis cerca de 80 por cento de seu traçado, ou seja, 1.866 quilômetros. Recentemente, no Congresso de Estradas de Rodagem, no Rio, o Superintendente da Spvea, sr. Waldir Bouhid, declarou que em vez de abril de 1960, já em janeiro, a moderna rodovia será entregue ao tráfego.

Senadores em Brasília

O líder da maioria no Senado Federal, sr. Lameira Bittencourt, esteve em Brasília, acompanhado de outros senadores, visitando todas as obras em andamento da Nova Capital, principalmente as da Praça dos Três Poderes, onde se localizam os majestosos prédios que abrigarão a Câmara dos Deputados e o Senado da República. Após sua visita, disse o senador Lameira Bittencourt:

«Sobre a necessidade e a oportunidade da mudança da Capital para Brasília, a minha opinião, antiga e arraigada, aliás, já é por demais conhecida e a tenho reafirmado em várias oportunidades, no Senado, nos termos mais categóricos e calorosos, seja em discursos, seja em apertes, representando, de resto, o pensamento da quase unanimidade dessa Casa do Parlamento. Sou mudancista sincero, convicto e irreduzível, desde a Câmara dos Deputados, quanto não tinha, ainda, os deveres e a responsabilidade de líder do governo. Devo, mesmo, acrescentar, para dar a justa medida da firmeza de minha posição no assunto, que, ainda que eu não fôsse integrante das forças políticas que apoiam o governo, outra não seria a minha atitude, porque considero a mudança da Capital um indiscutível e inadiável imperativo do interesse nacional, cujo atendimento deve-se situar fora e aci-

ma das divergências políticas e dos antagonismos partidários.

Quanto ao que vimos, observamos e conhecemos em nossa recente visita à futura Capital, posso resumir a minha impressão, que coincide aliás, com o de vários senadores que nos acompanharam nessa oportunidade, mesmo pertencentes a agremiações partidárias da área oposicionista, posso resumí-la nas seguintes palavras: todos testemunhamos o grande e impressionante trabalho que já foi realizado em Brasília, em termos e condições de quantidade e qualidade que excederam, mesmo, a nossa expectativa, e todos nós voltamos sinceramente convencidos de que a 21 de abril de 1960 se efetivará a mudança da capital, se, como é de se crer, o ritmo das construções continuar pelo menos o mesmo».

E nesse dia, nesse grande e incomparável dia na história de nossa nacionalidade, o verdadeiro vitorioso não será o eminente Presidente Juscelino Kubitschek, o herói incansável de uma batalha épica de audácia, energia e fé, mas sim o povo brasileiro, que terá, dest'arte, assegurado melhores dias de bem-estar, progresso e grandeza».

Na TV Francesa

A Televisão Francêsa em seu programa «Voyage sans Passeport», consa-



grou a Brasília uma emissão especial, de meia hora de duração. O programa constou de História do Brasil, com base em fotografias e desenhos; filme sobre Brasília e entrevista com o embaixador brasileiro, dr. Alves de Sousa, a respeito de Brasília e sua significação econômica para o Brasil. Também na TV francesa, no programa «Magazine des Arts», foi apresentado um programa intitulado «Pourquoi pas Brasília», com fotografias e uma entrevista do arquiteto francês Zerfus, que analisou a arquitetura moderna brasileira e a significação arquitetônica e urbanística de Brasília.

Turismo

A Combratur (Comissão Brasileira de Turismo) instalou um posto em Brasília, para orientação de todos aqueles que procuram conhecer as obras da nova capital do país, o dr. Abellardo França, presidente da Combratur esteve em Brasília, conferenciando com o presidente Kubitschek e com o presidente da Novacap, dr. Israel Pinheiro, que lhe deram todo o apoio para a iniciativa.

Agentes de Turismo

Brasília recebeu a visita dos principais agentes de turismo do Brasil. Após essa visita os diretores das empresas turísticas resolveram incluir a nova capital brasileira em todos os planos de viagem para o Brasil.

Na Espanha

Brasília está sendo também mostrada em Barcelona. Uma completa exposição de maquetes, plantas e fotografias foi inaugurada pelo embaixador brasileiro na Espanha, na capital da Catalunha.

Correio Brasiliense

No dia 15, foi lançada a pedra fundamental do «Correio Braziliense», de Brasília, de propriedade dos Diários Associados. Estiveram presentes à solenidade o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira e o diretor dos Diários Associados, sr. João Calmon.

Gustavo Capanema

No dia 8 deste, o Ministro do Tribunal de Contas da União, dr. Gustavo Capanema, prestou a «O Globo» estas declarações: — «Ontem, em Brasília,

perguntei ao sr. Israel Pinheiro se a nova Capital poderá receber o Governo a 21 de abril de 1960. Ele respondeu-se categoricamente que sim. A primeira vez que estive no planalto foi há vinte meses. Confesso que fiquei desiludido. Não existia nada. Hoje encontro uma obra estupenda, uma cidade feita, os edifícios necessários à instalação dos principais órgãos do Governo quase concluídos. De modo que se a gente fôr analisar o assunto, dentro do ritmo de Brasília, chegará à conclusão de que a mudança se efetivará a 21 de abril de 1960. Não é preciso que todos os órgãos se transfiram de uma vez. Basta que para o planalto se desloque, naquela data, a Presidência da República, o Congresso e o Supremo Tribunal Federal. O resto virá aos poucos. Goiânia, esta bela cidade do planalto, serve de exemplo. Construiu-se a capital, mas os órgãos do Governo vieram aos poucos para estas paragens».

Impressão dos Russos

Dizendo-se altamente interessados no Plano-Piloto de Brasília, os representantes soviéticos ao XI Congresso Internacional de Estradas de Rodagem mostraram-se impressionados com o arrôjo das concepções arquitetônicas de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Os soviéticos, em visita a Brasília, externaram a opinião de que o Brasil está sabendo recuperar o tempo perdido.

Erro crasso

O deputado Castro Costa (Psd-Goiás) disse ao «Jornal do Brasil», a propósito do anunciado projeto do deputado Sérgio Magalhães, dispendo sobre a transferência da mudança da Capital para 1º de janeiro de 1961, que «é um erro crasso pensar que Brasília vem onerando os cofres da Nação. Todos os que analisam os pormenores da construção da nova Capital, ainda que superficialmente, sabem que a União não tem dotações para as obras que se realizam no Planalto Central.

O curioso em relação ao problema agora levantado, quando se inquinam as obras do Planalto de responsáveis pelo aumento do custo de vida, é que ninguém se abalança de culpar outras obras, muito mais dispendiosas, atualmente levadas a efeito pelo Governo Federal. Bilhões e bilhões se gastam, por meio dos cofres públicos nacionais,

para construção de centrais elétricas, de estradas, de açudes e tudo é pouco no entender dos cripto-adversários da Nova Capital, que se erguem precisamente contra a meta governamental que não onera de forma alguma o Tesouro.

Apesar dos pessimistas, as obras de Brasília estão sendo executadas dentro do cronograma traçado e que muitas delas são entregues antecipadamente.

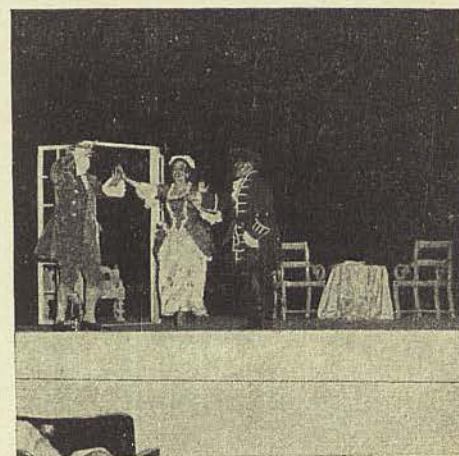
O projeto do Deputado Sérgio Magalhães só vai oferecer aos mudancistas a oportunidade de provarem a exequibilidade da mudança no dia 21 de abril de 1960. Tenho visitado periodicamente as obras da Nova Capital e posso assegurar que a medida se concretizará nessa data».

Primeiro Festival de Brasília

De 12 a 22 deste mês, realizou-se em Brasília o I Festival de Brasília, com récitas de óperas e canto coral e lírico. Fizeram parte do programa as óperas La Serva Padrona, de G. B. Pergolosi, e Il Telefono, de C. C. Menotti, interpretadas por Diva Pieranti, Paulo Fortes, Guilherme Damiano e Nino Crimi, tendo como regente maestro Mário de Bruno, como «registreur» Mário Carlos Toisi, como ponto Ella Podorolsky.

Faziam parte ainda do repertório Músicas Brasileiras, interpretadas por Lia Salgado e Cláudia Moreno.

As mãos de Eurídice, a Escola de Arte Dramática, de São Paulo, os Jograis, o Ballet Cultural, e o Madrigal Renascentista, de Belo Horizonte. A orientação e direção artística geral esteve a cargo do engenheiro Pery Rocha França, chefe do Departamento de Edificações da Novacap.



brasília na literatura

Brasília
Maria de Lourdes Cardoso

Surgiu do nada no planalto imenso
Aquêlê sonho de um ideal profundo
Êste colosso que é, segundo penso,
Uma das maiores obras dêste mundo

Teu nome diz o que tu és Brasília,
Brasília pura de alma e coração;
Ês nesta terra a mais nova filha
Do auri-verde do Brasil nosso pendã

Ês Brasília uma cidade inda criança,
Mas que em nosso peito já puseste
O convêlão maravilhoso da esperança
Na salvação futura do nordeste

A vida tôda viverás gloriosa
Vida fecunda de amor e sorte;
Hás de ajudar com tua mão bondosa
A recuperação total do nosso norte

No centro do Brasil estás localizada
Ficas no peito desta pátria amada
Em pleno seio do Brasil Cristão:
Pulsando, enorme, qual um coração

boletim

Diretores:

Presidente:

Dr. Israel Pinheiro da Silva

Diretores:

Dr. Ernesto Silva

Dr. Iris Meinberg

Dr. Moacir Gomes e Souza

Conselho de Administração

Presidente:

Dr. Israel Pinheiro da Silva

Membros:

Dr. Adroaldo Junqueira Aires

Dr. Aristóteles Bayard Lucas de Lima

General Ernesto Dornelles

Dr. José Ludovico de Almeida

Dr. Tancredo G. Viana Martins

Cel. Virgílio Távora

Conselho Fiscal

Membros:

Dr. Armando Lages

Dr. Herbert Moses

Dr. José Peixoto da Silveira

Dr. Themístocles Barcelos, suplente

Dr. Vicente Assunção, suplente

Atos da Diretoria

Ata da centésima quingüagésima quinta reunião da Diretoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil.

Aos quatorze dias de setembro de mil novecentos e cinquenta e nove, às dez horas, na sala da Diretoria, na sede da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, situada em Brasília, reuniu-se a Diretoria da Companhia, sob a Presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva e com a presença dos Diretores, doutores Ernesto Silva e Moacir Gomes e Souza. Deixou de comparecer o doutor Iris Meinberg por causa justificada. Aberta a sessão a Diretoria resolveu: 1) aprovar o parecer da Comissão Julgadora que julgou a concorrência administrativa para fornecimento dos Quadros de alta e baixa tensão para a rede elétrica de Brasília (Processo número 1677, 8º volume, Carta-convite n. 39 C.); 2) aprovar o parecer da Comissão Julgadora que julgou a concorrência administrativa para fornecimento de Transformadores de 300 kva (Processo 1677, 18º volume-carta-con-

vite 39 M); 3) aprovar o parecer da Comissão Julgadora que julgou a concorrência administrativa para o fornecimento de Transformadores de dez mil (10.000) e vinte mil (20.000) kva (Processo n. 1684 — Carta-convide n. 42). Nada mais havendo a tratar, o senhor Presidente deu por encerrada a sessão da qual para constar lavrei a presente Ata, que, lida e achada conforme, vai assinada pelos membros da Diretoria presentes e subscrita por mim, Carlo; Alberto Quadros, que servi como secretário. a) Israel Pinheiro da Silva, Ernesto Silva, Moacir Gomes e Sousa, Carlos Alberto Quadros.

Atos do conselho

Ata da centésima reunião do Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do doutor Israel Pinheiro da Silva.

Aos dezoito dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e cinquenta e nove, nesta cidade do Rio de Janeiro, na Avenida Almirante Barroso, cinquenta e quatro, décimo oitavo andar, às dez horas, reuniu-se o Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do doutor Israel Pinheiro da Silva, e com a presença dos Conselheiros abaixo assinados. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, o Senhor Presidente submeteu à apreciação do Conselho o convênio a ser firmado pela Novacap com o Ministério da Educação e Cultura, em complemento a convênio anterior, a fim de ser incluída nas condições ajustadas para a instalação da Escola de Iniciação Profissional de Taguatinga, a obrigação de o referido Ministério fornecer o respectivo mobiliário, o que foi aprovado pelo Conselho. Em seguida, aprovou, também, o Conselho a proposta protocolada sob número 8840/59 em que o senhor Sebastião de Almeida Ribeiro requer os benefícios da Resolução número dezoito, de quinze de maio do corrente ano, para a construção de um hotel em Brasília. Passou, então, a ser examinada a matéria referente à concessão dos postos de gasolina em Brasília, tendo o Conselho decidido que será ela feita às companhias distribuidoras de gasolina que hajam instalado postos no «parkway» nos termos da ata de vinte de novembro de mil novecentos e cin-

quenta e sete (trigésima sexta reunião). Nada mais havendo que tratar, o Senhor Presidente encerrou a sessão, da qual, para constar, eu, José Pereira de Faria, Secretário «ad hoc», lavrei a presente ata, que vai por mim assinada e encerrada pelo Senhor Presidente. Israel Pinheiro, Bayard Lucas de Lima, Virgílio Távora, A. Junqueira Aires, José Ludovico de Almeida, José Pereira de Faria.

Ata da centésima primeira reunião do Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva.

Aos dezoito dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e cinquenta e nove, nesta cidade do Rio de Janeiro, na Avenida Almirante Barroso, cinquenta e quatro, décimo oitavo andar, às quinze horas, reuniu-se o Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva, e com a presença dos Conselheiros abaixo assinados. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, o Senhor Presidente submeteu ao Conselho a proposta da Diretoria no sentido de ser autorizada a emissão de Cr\$ 1.500.000.000,00 (hum bilhão e quinhentos milhões de cruzeiros) de «Obrigações Brasília», nas mesmas condições das emissões anteriores, a fim de ser realizada operação de crédito destinada ao financiamento das despesas decorrentes da complementação das obras de Brasília. O Conselho, usando da competência privativa que lhe atribui o artigo doze, parágrafo oitavo, da lei dois mil oitocentos e setenta e quatro, de dezoito de setembro de mil novecentos e cinquenta e seis, aprovou a proposta, autorizando a emissão. Em seguida, o Conselho, após ouvir circunstanciada exposição do Senhor Presidente, autorizou a Diretoria a realizar operação de crédito com o Banco do Brasil S. A., até o valor de Cr\$ 1.500.000.000,00 (hum bilhão e quinhentos milhões de cruzeiros), sob garantia de «Obrigações Brasília», no valor de 1.650.000.000,00 (hum bilhão e seiscentos e cinquenta milhões de cruzeiros), destinada ao financiamento das despesas decorrentes da complementação das obras de Brasília. Nada mais havendo que tratar, o Senhor Presidente encerrou a sessão, da qual, para constar, eu, José Pereira de Faria, Secretário «ad hoc», la-

vrei a presente ata, que vai por mim assinada e encerrada pelo Senhor Presidente. Israel Pinheiro, Bayard Lucas de Lima, Virgílio Távora, A. Junqueira Aires, José Ludovico de Almeida, José Pereira de Faria.

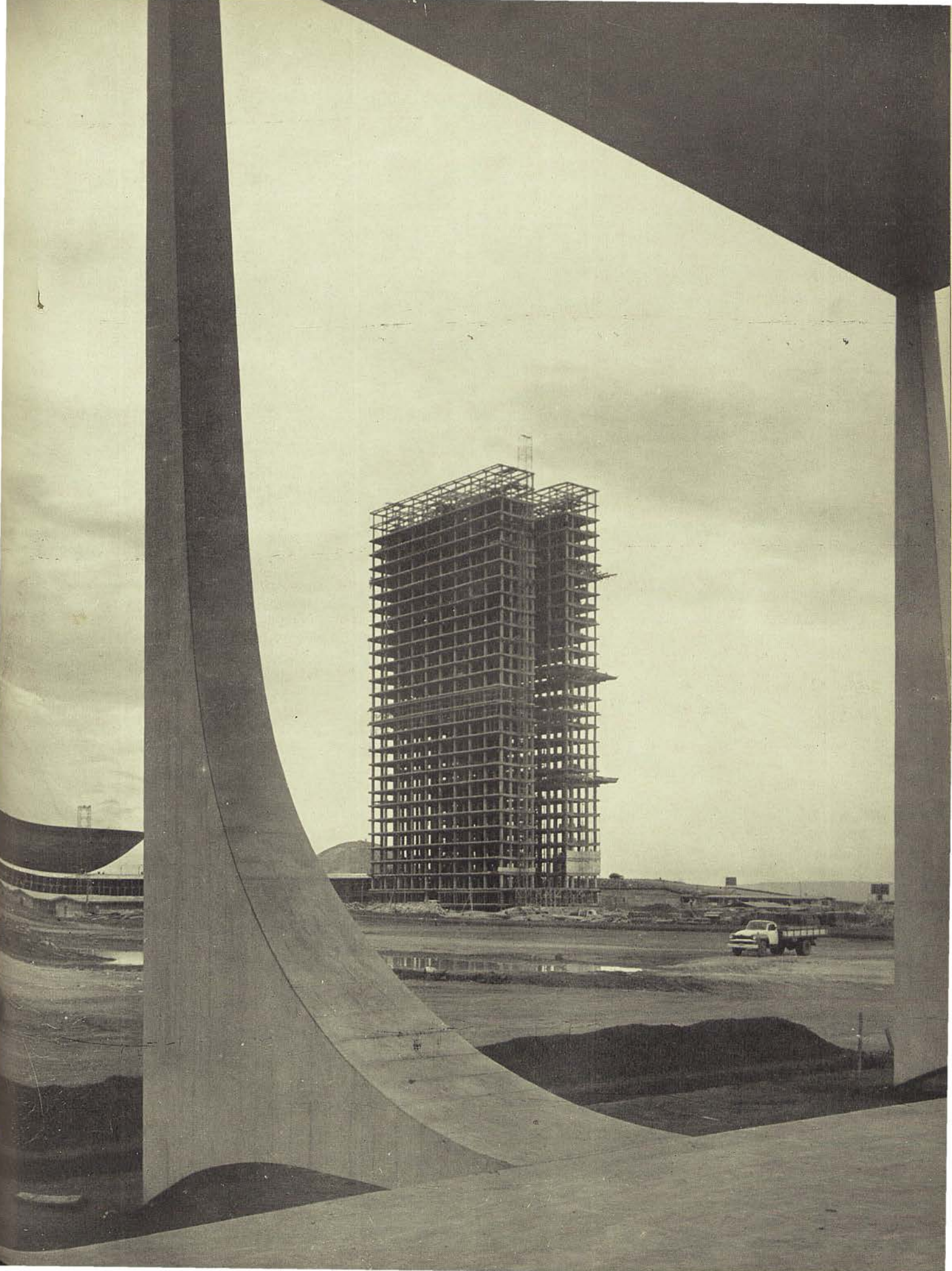
Ata da centésima segunda reunião do Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva.

Aos trinta dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e cinquenta e nove, nesta cidade do Rio de Janeiro, na Avenida Almirante Barroso, cinquenta e quatro, décimo oitavo andar, às dez horas, reuniu-se o Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva, e com a presença dos Conselheiros abaixo assinados. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, o Senhor Presidente distribuiu ao Conselheiro Adroaldo Junqueira Aires o processo protocolado sob número . . . 2640/59, em que é interessado o Senhor Nélson Cândido Mota, e ao Conselheiro Bayard Lucas de Lima o requerimento do Sumer Institute of Linguistics. Em seguida, o Conselho aprovou, nos estritos termos da Resolução número dezoito, o requerimento de «Hotéis Reunidos S. A.», para construção de um hotel, em Brasília. Aprovou, também, o Conselho o convênio a ser firmado com o Ministério da Agricultura para aparelhamento do Observatório Meteorológico de Brasília, nos termos da minuta constante do processo 23496/59, do referido Ministério. Prosseguindo os seus trabalhos, autorizou, ainda, o Conselho a participação da Novacap na Exposição Paranaense de Produtos Nacionais, fixando no máximo de Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) a contribuição desta Companhia. Passou, então, o Senhor Presidente a expor os entendimentos havidos com a Direção da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro, no sentido de possibilitar àquele estabelecimento de crédito o financiamento de prédios a serem construídos em terrenos vendidos em prestações, pela Novacap. Pela fórmula sugerida a Novacap outorgará a escritura definitiva do terreno, recebendo o preço da Caixa Econômica. A importância correspondente ao preço será lançada a crédito da Novacap, em conta vinculada, para recebimento posterior. O Conselho autorizou o

prosseguimento dêesses entendimentos, ficando sua aprovação final na dependência do exame dos textos do acôrdo, contratos e minutas de escrituras, que serão submetidos ao Conselho, em época oportuna. Finalmente, o Conselho autorizou a realização de concorrência administrativa para a construção dos viadutos complementares da Plataforma Central de Brasília. Nada mais havendo que tratar, o Senhor Presidente encerrou a sessão, da qual, para constar, eu, José Pereira de Faria, Secretário «ad hoc», lavrei a presente ata, que vai por mim assinada e encerrada pelo Senhor Presidente. Israel Pinheiro, A. Junqueira Aires, Bayard Lucas de Lima, Ernesto Dorneles, Virgílio Távora, José Pereira de Faria.

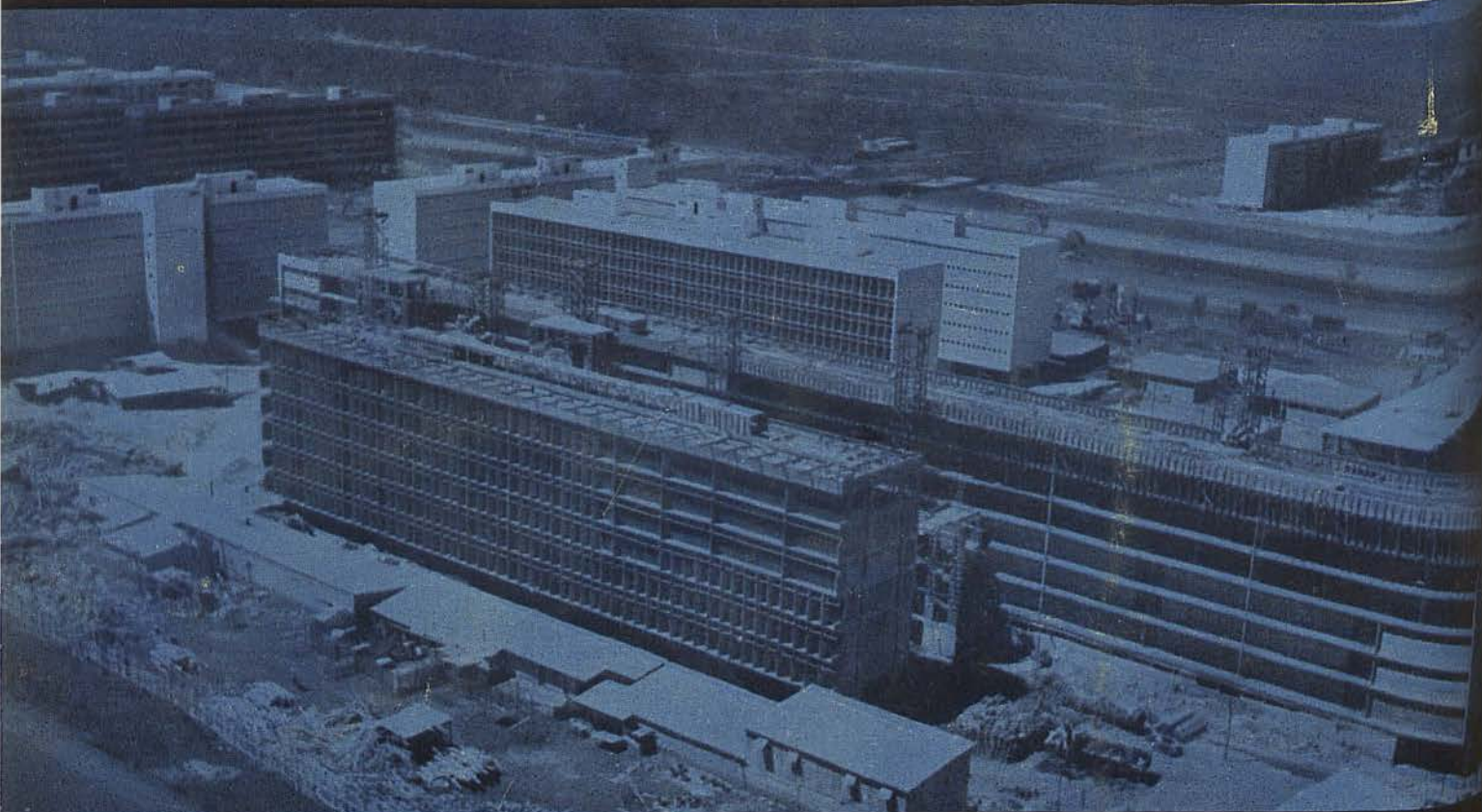
Ata da centésima terceira reunião do Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva.

Aos trinta dias do mês de setembro do ano de mil novecentos e cinquenta e nove, nesta cidade do Rio de Janeiro, na Avenida Almirante Barroso, cinquenta e quatro, décimo oitavo andar, às quinze horas, reuniu-se o Conselho de Administração da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, sob a presidência do Doutor Israel Pinheiro da Silva, e com a presença dos Conselheiros abaixo assinados. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, o Senhor Presidente submeteu ao Conselho a proposta da Diretoria no sentido de ser autorizada a emissão de «Obrigações Brasília» no valor de Cr\$ 800.000.000,00 (oitocentos milhões de cruzeiros), a fim de substituir a garantia exigida na Decisão 169, de 1958, do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, item h — aval do Tesouro Nacional, nos termos do art. 774, inciso III, do Código Civil. O Conselho, usando da competência que lhe atribui o art. 12, § 8º, de 19 de setembro de 1956, autorizou a emissão, nas mesmas condições das emissões anteriores. Nada mais havendo que tratar, o Senhor Presidente encerrou a sessão, da qual, para constar, eu, José Pereira de Faria, Secretário «ad hoc», lavrei a presente ata, que vai por mim assinada e encerrada pelo Senhor Presidente. Israel Pinheiro, A. Junqueira Aires, Bayard Lucas de Lima, Ernesto Dorneles, Virgílio Távora, José Pereira de Faria.



EM ABRIL PRÓXIMO BRASÍLIA SERÁ A CAPITAL DO PAÍS

Aproveite a oportunidade para adquirir os melhores lotes de Brasília, diretamente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital.



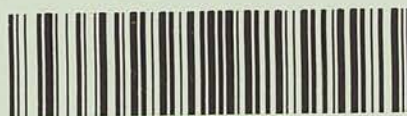
Terrenos de tôdas as dimensões para incorporação e vendas

Lotes para a construção de edifícios de 6 pavimentos

INFORMAÇÕES NA SEDE DA NOVACAP EM BRASÍLIA E NOS ESCRITÓRIOS REGIONAIS DA COMPANHIA:

Rio: Av. Almirante Barroso, 54 - 18º and.
S. Paulo: Largo do Café, 14 2º and. - s/ 4
B. Horizonte: R. Espir. Santo, 495 - s/ 803
Goiânia: Avenida Goiás, 57 - 4.º and.
Anápolis: Rua Joaquim Inácio, 417
Curitiba: Praça Gal. Osório, 368 - s/ 804
P. Alegre: R. Siqueira Campos, 1184 - s/ 306
Recife: Avenida Guararapes, 161 - 11º and.

Senado Federal



SEN00170603